

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 14000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL. \$2000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

A VEIRO

ANTES DO CONGRESSO

Um congresso publico tem todas as vantagens e nenhum inconveniente. Seria o inicio d'uma nova vida democratica, vida genuina de principios, de propaganda. Teria a vantagem de dar satisfacção a uma parte das reivindicações d'um grupo, que nem por discordar da conduta dos directores deixa de ser republicano, de trabalhar pelo triumpho d'uma causa, de possuir convicções sinceras e como tal de ter direito á participação no governo do partido e ao respeito e consideração de todos, como tem os outros grupos. Teimosia criminosa é por conseguinte a d'aquelles que persistem em o collocar fóra das orbitas regulares da nossa vida interna.

Se os chamados radicais pedissem um novo principio, vá que os officiosos l'ho negassem através de todas as difficuldades e verbas. Seria mesmo o seu principio? Não, o unico regular e justo, a elle sem o qual não ha politica popular nem doutrina democratica. Pedem que o paiz conheça as nossas soluções, os nossos systemas, o nosso querer. Pedem que o povo venha ao meio dos que se dizem seus representantes genuinos ver como se encaram os seus interesses e como se trata o que ha de mais essencial para a sua vida. Pedem que se termine com os expedientes de trapaca, de mentira e de sophisma que tem constituido até hoje a norma todas as proceduras dos agentes do constitucionalismo. Pedem que se dê á nação um exemplo solenne de respeito e acatamento pelas formulas representativas.

Pois quê! Será um crime que o partido republicano discuta as suas aspirações em pleno dia e em plena luz? Será um crime que quem quer que seja entre pelas nossas salas a observar como nós discutimos, como nós pensamos, como nós julgamos? Quem se não peja de afirmar um absurdo de tal ordem? Quem se não envergonha de sancionar, ou com o silencio, uma conduta tão indigna da fé democratica?

A situação é essa. D'um lado a fracção officiosa da democracia portugueza que não quer a discussão aberta e a publicação solenne dos actos e resoluções do partido. Porquê? Os factos dizem-no, os factos falam alto. Porque o sr. José Elias não quer que lhe tome contas, em assembleia importante, da attitude singularissima que tem ha cinco annos na camara dos deputados e ha dez na camara municipal. Porque o sr. Pedroso não quer que um ousado lhe pergunte o que fez ao parlamento dos prin-

cipios republicanos, que deixou calados e a parte para consumir a sua actividade n'uma escaramuça estiril de palavras em pródos regeneradores ou em pródos progressistas. Porque o sr. Magalhães Lima nunca quiz, e se tiver saude não quererá, que o arrastem á barra para que explique o motivo porque o *Seculo* nunca defendeu nos ultimos annos um principio bom e tantas vezes tem quebrado lanças por principios maus. Porque o sr. Jacintho Nunes foge a qualquer orador alto e digno, que lhe esmague á face do piz as contradicções flagrantes das suas doutrinas e a opposição lamentavel das suas theorias revolucionarias d'um dia para as suas theorias barjonaceas do dia seguinte. Porque o sr. Theophilo Braga tem medo que lhe estapem nos olhos as suas *Soluções Positivas da Politica Portuguesa* deante de todo o mundo. Lhe perguntem o que fez da consciencia e da dignidade d'outrora.

Sim; elles não querem o congresso publico, porque elles não o concordam liberdade. Elles não querem o congresso publico, porque o congresso publico é a responsabilidade, é o mandato, é o compromisso de povo e elles dão-se melhor com o parlamento do rei, onde a liberdade é uma esphinge, o mandato phrase d'effeito na comedia do bando e a irresponsabilidade manifesta e ampla. Elles não querem o congresso publico, porque o congresso publico seria a recapitulação das ideias democraticas, um codigo de principios delimitados e especificados, um livro de doutrinas que não admitiria divergencias nem sophismas na letra da lei, e a elles convem-lhes, este cahos, este escuro, esta confusão, em que é dado apregoar tudo que convem na occasião, ou a intransigencia ou a transigencia com o clero, ou a defeza do capitalismo ou a apologia do socialismo, ou a evolução ou a revolução, ou a lucta contra a monarchia como elemento incompativel de progresso, ou a conciliação com esse sistema de governo como elemento aproveitavel e forte de propaganda republicana.

Apoz um congresso publico, em que a responsabilidade de cada um ficasse presa a um pacto solenne, não mais nenhum homem, não mais nenhum jornal, não mais nenhum centro ousaria admitir a possibilidade d'um dirigente ser republicano e ministro monarchico ao mesmo tempo e isso seria a tortura eterna do sr. Jacintho Nunes e companhia, seria o impossivel, porque seria a lealdade, seria a justiça, seria a virtude, seria a isenção inteira de caracter.

Eis porque o congresso publico horrorisa o directorio. Continuaremos.

QUAL É MAIS REACCIONARIO?

O sr. Joaquim Manuel Pereira, de Lisboa, requereu ao administrador do 2.º bairro, d'aquella cidade, um tal Fernandes Coelho, que se lavrasse termo do nascimento d'uma sua filha com o nome de Blasphemia. O administrador indeferiu sob pretexto de que Blasphemia significa e importa um insulto á religião do Estado!

O nome é, de facto, exquisito. Mas digam que o sr. Pereira teve uma ideia estapafurdia, uma ideia excentrica, o que quizerem. O que ninguem poderá dizer é que o sr. Pereira não estava no uso plenissimo dos seus direitos, e dentro da lei, escolhendo o nome que escolheu. E n'esses casos, a resolução do dr. tollices do 2.º bairro, um doutor que depois de ter provado em varios cargos que era um insignificante, como afinal quasi todos os doutores, provado tem como administrador do 2.º bairro que nem ao menos sabe portuguez, resolução inspirada pelo famigerado heroe seu escrivão, o qual, não contente d'umas velhas heroicidades que ainda havemos d'estampar n'este jornal, deu na heroicidade nova de levantar todos os obstaculos que póde á liberdade de consciencia, tal resolução, como iamoz dizendo, é um attentado pelintra que só n'um paiz como este poderia ficar impune.

Blasphemia é um insulto á religião! Qual religião, sr. dr. tollices, se blasphemia é uma palavra latina que existia muito antes do catholicismo? Insulto, sim, á divindade pagã e apropriado mais tarde a todas as divindades. Mas insulto, não na propria palavra e sim nas expressões que ella envolvia. Ora se o sentido da palavra blasphemia é generico e primitivamente nada tinha com o catholicismo; se já foi um attentado applica-la á religião de Roma, como é que sua excellencia o dr. do 2.º bairro se julgou tão melindrado nos seus brios catholicos que foi até ao abuso das suas funções publicas impedindo que se pozesse esse nome a uma creança? Só se explica pela burrice que lhe é peculiar.

Alem d'isso, não diz a lei que o registo civil é para os portuguezes não catholicos? Se é para os portuguezes não catholicos, como é que esses portuguezes não de pôr a seus filhos os nomes de Pedro, Francisco ou Maria, se esses nomes são catholicos? Está claro que, para serem coherentes, não lhes podem pôr senão nomes como Blasphemia ou outros que, ainda que menos excentricos, estejam na categoria antireligiosa em que esse está. E se lhes põem os nomes dos santos da Igreja, é porque consideram o nome de nascimento uma simples designação sem transcendencia nenhuma, como o devia considerar o sr. Fernandes Coelho no caso que se discute, se a burrice lhe não cerasse o cerebro ao menor lampejo de tino. Francisco ou João, Blasphemia ou

Guitarra, Unção ou Atheismo, são designações que servem, como todas, á creança que precisa d'uma d'ellas para apparecer em sociedade.

E, pois, além de tolo, illegal o procedimento do sr. administrador do 2.º bairro de Lisboa, como tolissimo foi o do sr. governador civil sancionando a pouca vergonha do seu subordinado. Porém, temos alguma cousa mais significativo que tudo isso. E' a maneira verdadeiramente infame como procedeu a redacção do *Seculo*. Aquella récuca de bandalhos, que estão para ahí a toda hora vociferando contra o despotismo e o desrespeito ás regalias populares, não duvidaram n'uma questão tão grave como esta, n'um attentado tão monstruoso á liberdade de consciencia, pôr-se do lado do dr. tollices e do governador civil.

O sr. Pereira, não tendo outro meio de se desaggravar e de desaggravar a lei, recorreu á imprensa. O sr. Pinheiro Chagas, ex-ministro da corôa, não duvidou tomar a sua defeza no *Correio da Manhã*. O sr. Trigueiros de Martel, que actualmente figura de director do *Seculo*, tambem prometteu ceder-lhe as columnas d'este jornal para sua defeza. Mas como acima do sr. Trigueiros de Martel está a villanagem antiga do sr. Magalhães Lima, o director de facto do *Seculo*, o chefe dos beleguins Alves Correia, collega, pelo menos n'estes ataques á liberdade, do escrivão Oliveira do 2.º bairro, declarou peremptoriamente que o *Seculo* não diria uma palavra a tal respeito, porque as auctoridades tinham razão!

Qual é mais reaccionario, o dr. tollices ou o chefe dos beleguins do papel do sr. Magalhães Lima?

Será tão reaccionario um como outro. Mas mais torpe, mais especulador e mais indigno é o segundo com certeza. Uma sucia de bandalhos, que gritam para ahí contra o jesuitismo e que no fundo são os mais perversos jesuitas que se podem conhecer. Uma sucia d'especuladores, que só por especulação escrevem contra os abusos do poder, quando dos escriptos lhe possa advir algum proveito, para no fundo sancionarem todas as patifarias, irregularidades e irreverencias da lei. Os verdadeiros escrocs da sinceridade popular.

Ainda bem que o caso presente não é unico. E' o centessimo que pratica aquella corja.

Elle ahí fica, para que os verdadeiros republicanos se lembrem de que teriam d'emigrar caso os republicanceos do *Seculo* e quejandos fossem ao poder. Meditem os leitores sobre o assumpto e que nos digam o que seria uma Republica com tal sucia. Quando elles hoje são assim, que faria no governo!...

Abrenuncio, corja maldicta!

QUESTÕES MILITARES

«A infantaria é o exercito; tanto vale a infantaria tanto vale o exercito» escrevia ainda ha poucos dias n'um livro excellente o mais pratico dos escriptores militares francezes H. de Fletres.

Como diz Guichard, não ha lucta d'alguma importancia que se possa dar sem ella; pelo contrario, certos combates localizados só ella os póde comprehendor. «Só ella póde apoderar-se das Posições que constituem o objecto do combate, expulsando de lá o adversario á ponta da bayoneta se este consegue resistir á accção do fogo; porque não ha terrenos que não sejam accessiveis aos seus atiradores, e obstaculos, por maiores, que elles não possam transpôr, a não ser os fossos revestidos das fortificações permanentes. E' a alma do ataque e da defeza, porque, nos limites do alcance efficaz da arma de que usa, o seu fogo é o mais preciso, o mais rapido e o mais mortifero, bem superior, como accção destruidora, ás cargas as mais felizes da cavallaria. As estatisticas medicas das feridas recebidas nas mais recentes campanhas não deixam nenhuma duvida a tal respeito.

A infantaria opera com todos os tempos, e póde-se mesmo tirar partido d'ella nas empresas nocturnas para que as outras duas armas são muito menos aptas. A sua facilidade em aproveitar os mais simples abrigos e em se mover sem ruido, torna-a excelente para as emboscadas. Nas estradas e nos campos é ella que occupa menor espaço, e podem-se concentrar massas consideraveis d'infanteria n'um espaço reduzido, antes d'uma batalha. Só ella convem á defeza immediata dos logares habitados. E' ella que occupa os logares fechados e os bosques; á propriedade que possui de se mover por o meio d'estes com uma facilidade relativa, e sem ser vista, constitue uma vantagem extraordinaria, de que um bom chefe sabe sempre tirar o mais feliz partido.

No combate aproveita-se, para escapar aos projecteis como para avançar ou cercar o inimigo, dos menores accidentes, das mais fracas depressões do solo. A facilidade preciosa que tem, rasando a terra, d'escapar ás vistas no meio das culturas menos elevadas, ajuda-a poderosamente a desafiar o fogo inimigo e a tornar o seu mais mortifero. Munida d'instrumentos, constroe em alguns minutos, por toda a parte onde se encontre, abrigos improvisados que duplicam o seu poder sem difficuldar seriamente a sua mobilidade, abrigos que, alem de tudo, poderiam constituir, em certos sitios, um obstaculo serissimo para a preservação das cargas de cavallaria, se a arma de tiro rapido e preciso de que dispõe não lhe bastasse para desafiar as velleidades d'esta ultima, vantagem seguramente adquirida, em nossos dias, para toda a infantaria que não perca o sangue frio.

«A infantaria, escreve H. Barthelemy nas suas *Pequenas Operações da Guerra*, é a arma mais fácil d'organizar e a menos custosa de conservar. Apta para todos os generos de combate, de perto ou de longe, sobre todos os terrenos, tanto na offensiva como na defensiva, a infantaria presta incontestavelmente os maiores serviços. É ella que faz soffrer as maiores perdas ás tropas inimigas. Que esteja parada, que avance ou que recue, os movimentos das outras armas hão de ser sempre conformes com os seus. Sob o ponto de vista do poder do combate ella é, pois, a arma principal; é mesmo a *única arma independente, porque só ella possui os meios de combater sem o concurso ou soccorro das outras armas.*»

«Eu darei, escrevia no principio d'este seculo o celebre general Morand no seu famoso livro — *L'armée selon la Charte* — eu darei sem hesitar a minha opinião sobre a infantaria, porque, durante vinte e tres annos chefe de batalhão, coronel, general commandando uma brigada, ou uma divisão, ou um corpo d'exercito, eu conduzia-a á victoria dos tropicos ás margens do Moscovia. *A infantaria é o exercito; as outras armas não são mais que accessorias.*»

«Sim, commenta Fletres, a infantaria é o exercito; quando ella avança é a victoria; quando ella recua é a derrota.»

Por isso Napoleão dizia, na sua carta ao príncipe Eugenio: «Na guerra o que faz mais falta são sapatos.» Por isso o marechal de Saxe exclamava: «E' nas pernas que está todo o segredo das manobras, todo o segredo dos combates. Quem não pensar o mesmo é um ignorante.»

«A batalha de Sedan, escreve o general americano Sherman, e numerosos combates que se deram entre nós, mostraram o perigo que ha para a cavallaria em atacar a infantaria armada d'espingardas de carregar pela culatra. Os casos em que estes ataques se podem produzir tornaram-se tão inverosímeis, que suprimimos da nossa nova tactica a formação em quadrados para a infantaria.»

No magnifico livro — *Instrução Pratica da Companhia d'Infanteria sobre o serviço em Campanha e as operações de combate* — por um official superior do 4.º corpo do exercito francez, encontram-se os seguintes dados curiosos:

«As cargas as mais bem dirigidas só por um caso excepcional de surpresa poderão ter bom exito, pelo motivo de que é impossivel á cavallaria mover-se, mesmo durante um minuto, sob o fogo da infantaria. Nada o prova melhor que uma experiencia feita em Chalons, algum tempo antes da ultima guerra.»

Na frente d'um alvo de madeira com cem metros de comprimento e tres d'altura, e a 600 metros de distancia, collocou-se um pelotão d'infanteria formado em duas fileiras; á direita do alvo estava um esquadrão de hussards na força de 100 homens. A um signal dado a infantaria abriu fogo á vontade e os hussards carregaram a toda a brida, percorrendo os 600 metros n'um minuto. Durante esse tempo os infantes metteram no alvo 180 balas; com as novas armas de fogo, o resultado seria muito mais liangeiro.

Porem a lição das ultimas guerras, muito mais que as experiencias de tiros ao alvo, vieram afirmar a impotencia da cavallaria em face do armamento tão terrivel da infantaria.

Se em 1866 a cavallaria prussiana rompe a infantaria inimiga em alguns casos isolados, por outro lado a cavallaria austriaca, que não lhe ficava a dever nada em valor, ataca em Custoza com muita bravura, mas sem successo, a infantaria italiana de duas divisões, passando pelo meio dos intervallos, mas sem romper um

só quadrado; em Langensalza, a excellente cavallaria hanoveriana nada consegue contra meio batalhão prussiano, esgotado entretanto por quatro horas de marcha. Em Gravelotte, a cavallaria prussiana consegue, é verdade, carregando com grande bravura sobre um terreno pouco accidentado, e contra uma infantaria exausta de cartuchos, exceder a linha d'atiradores e chegar até aos apoios; mas foi logo repellido e teve de fugir sob um fogo terrivel. E ahí mesmo o successo momentaneo d'essa carga proveio em parte do ataque por surpresa. Em Woerth as cargas da nossa cavallaria foram sempre repellidoas pela infantaria prussiana. E assim em volta de Sedan. E assim na batalha de Beaumont, onde uma companhia do 27 d'infanteria prussiana resiste em ordem desenvolvida á carga d'um regimento de cavallaria, o 5.º de couraçeiros.»

Ora todas estas opiniões, de tão auctorisados escriptores, não veem senão, para mal dos peccados do pobre collaborador do *Diario Popular*, reforçar e corroborar as nossas affirmações anteriores. Isto é, que a infantaria é tudo e que a cavallaria é, muito pouco ao pé d'ella. Que a cavallaria não póde estar a envejar progressos e protecções que se concedam á arma d'infanteria, visto a infantaria ser a maior e mais sólida garantia de defeza dos povos. Que a infantaria, na opinião de Guichard, na opinião de Barthelemy, na opinião de todos que estudam, póde muitas vezes ser eficaz por si só e muitas vezes o é, não obstante a ignorancia com que o *Diario Popular*, que não sabe nada d'isto afinal, affirmou o contrario. Que se não é certo não se ter em Portugal usado de protecção especial para com a infantaria, não se tem feito senão um erro, não se tem praticado senão um crime, por isso que ha de ser principalmente com a infantaria que o paiz se ha de encontrar nos momentos da adversidade. Que a cavallaria é uma arma accessoria de combate, como já o dizia Morand, que não póde combater contra a infantaria como o provam os exemplos que ahí ficam, que perdeu a sua missão offensiva, que perdeu as suas tradições de carga, como no domingo provámos e hoje continuámos provando, e que n'esses casos não ha ridiculo maior que o do collaborador do *Diario Popular* em nos falar da inferioridade da infantaria em conhecimentos e serviços com relação á cavallaria.

Ridiculo, porém, que, apesar d'estarrapado por todos os lados, ainda requer umas escovadellas finaes. E então continuaremos no proximo numero.

ANTONIO MOURÃO

Um distincto e honrado jornalista escreve na *Sentinella da Fronteira* sobre Antonio Mourão:

Este sincero republicano, proprietario do valente semario *Povo de Aveiro*, morreu ha dias.

Era um caracter honradissimo e honesto, respeitado por quantos o conheciam e lhe apreciavam as brilhantes qualidades.

O nosso talentoso e energico collega do norte do paiz, *Povo de Aveiro*, tarjava de luto rigoroso em o n.º 297, significando assim o seu profundo sentimento, e consagrava á memoria do fallecido um primoroso artigo, como costumam ser os do energico e talentoso Rochefort portuguez.

Pois senhores, a redacção do *Seculo*, que conhecia perfeitamente Antonio Augusto Mourão, e que sabe de quanto as ideias republicanas em Portugal são devedoras ao austero democrata que um d'estes dias baixou ao tumulo sem outra pompa além do humilde acompanhamento

de correligionarios dedicados, a redacção do *Seculo*, diziamos, não teve, sequer, uma palavra, para noticiar a morte do illustre republicano!!

E sabem porquê? Porque o finado era proprietario do *Povo de Aveiro*, e amigo intimo do seu redactor!

Incrível, simplesmente. Quando a revindicta torpe e alvar chega tão longe que vae reflectir-se em terceiro; quando os odios pessoas estão de tal modo enraizados na consciencia de uma dada aggremação, que nem mesmo respeitam á beira do tumulo um homem que em vida fóra exemplar; é licito cruzar os braços em frente de uma tal canalhice, e nem mesmo lhe ligar a baixa importância do desprezo.

O facto, porém, não devia surpreender ningnem; porque ainda ha pouco, o mesmo jornal que não teve uma linha para consagrar á memoria de Antonio Augusto Mourão, inseria nas suas columnas uma coisa reles, baixissima, assignada com o nome de um cão, producto do maior trahente que actualmente se conhece, e que vive em uma terra da Beira Baixa, na Sertã, insultando um moço jornalista republicano, honrado e serio, amigo da gente do *Seculo*, e que tem prestado serviços ao partido, já com a pena, já com a palavra e mesmo com as magras posses da sua bolsa!

E note-se que n'essa mesma correspondencia, ou o que diabo era, tentava-se tambem macular o caracter honradissimo de um professor, por todos os titulos digno de respeito, pois que póde dar lições de dignidade a muito... mas, basta! Vence-nos a indignação!

CARTA DE LISBOA

18 de novembro.

A imprensa tem-se occupado, nos ultimos dias, com um celebre escandalo que se diz praticado a proposito das obras do porto de Lisboa.

Parece que o sr. Hersent, a quem foram adjudicadas aquellas obras, distribuiu seis centos contos de *luvas* a varios ministros, deputados, pares do reino, etc, para que estes influissem de forma que o projecto fosse feito n'umas certas condições e que o concurso se realisasse de modo que fosse impossivel a todos os concorrentes vencer o referido sr. Hersent.

A ser isto verdade, como tudo mostra que o é, a patifaria excede quanto modernamente se tem visto no genero e representa um damno gravissimo para o paiz, pois que de tamanha falcatrua póde resultar nem mais nem menos que o mau exito das obras do porto de Lisboa, mau exito de consequencias funestissimas e irremediaveis. Porque é patente e incontestavel que o Hersent, se quizesse cumprir os seus encargos e proceder lisamente no mais que diz respeito aos melhoramentos do porto de Lisboa, não seria tão prodigo e tão generoso, que desse seis centos contos de mão beijada aos fidalgos e legisladores portuguezes por amor dos olhos dos lusos heroes. Sim, isto não offerece duvida nenhuma. Se o sr. Hersent distribuiu centenas de contos, foi porque lhe convinha. E então o caso tem um duplo aspecto criminoso. Por um lado, a honra da nação pede que sejam levados aos tribunaes os gatunos agaloados que, como funcionarios publicos, degradaram o nome portuguez acceitando *luvas* d'um estrangeiro para o favorecerem n'um negocio nacional. Por outro lado, os nossos interesses collectivos exigem immediatamente que se averigüe quem abusou da nossa confiança para os comprometter e por ventura perder u'um assumpto capital para o paiz. Pelos dois lados a questão

é gravissima e altamente infame a conducta dos miseraveis, que deshonraram a nação. Urge que se averigüe e que se proceda imparcialmente no caso. O que aliaz não esperamos, seja dicto para descargo de consciencia.

Não foi o *Seculo*, como este declara, que levantou a questão. O *Seculo*, infelizmente, não tem geito para combater estas grandes infamias e muito menos para as descobrir. Foi o *Jornal do Commercio*. Entretanto, é certo que a lebre, batida uma vez, estava quasi perdida de novo, e que foi o *Seculo* que se encarregou de a acossar com mais violencia. Ainda bem. E' a primeira vez, ha tres annos para cá, que o *Seculo* mostra enegia em alguma cousa. Pois não era nada mau que continuasse por esse caminho. Hoje, que tem á sua frente um homem que julhamos honesto, com a boa educação da vida franceza e irreconciliavel com a monarchia, era bom que se aproveitasse da dissolução profunda dos partidos realisas para dar um golpe fatal nas instituições, que elles representam.

Não o fará, porém, pelos elementos perversos que o dominam ainda. O sr. Trigueiros de Martel deve ter visto e ha de se vencer de que a vilha ralé do sr. Magalhães Lima é impossivel para a boa propagação republicana. O tempo o ensiará, como já tem ensinado muita gente. Agora mesmo, se não fóra a influencia moral do sr. Trigueiros de Martel, nunca o *Seculo* ousaria investir com a traantada do porto de Lisboa. O sr. Trigueiros de Martel, suppomos, não recuará. Mas não tardará, si já o não foi, que não seja burlado e roubado pela corja que o cerca.

— Alguns jornaes monarchicos querem vér n'esta tratada uma similhança com a tratada franceza Caffarel-Wilson. Assim o *Diario de Noticias* diz ha hontem insidiosamente, com a insidia com que costuma dizer tudo, que a corrupção era universal, monarchica e republicana, que na terceira republica franceza floresciam os vicios que floresceram no ultimo imperio e que os systemas democraticos era impotentes, como os realistas, para debellar estas infamias. Ao menos já vae confessando que as monarchias são más. E' um progresso. Quanto porém á supposta similhança, não conseguem os jornaes monarchicos, pretendendo desacreditar a republica franceza, senão metter pelos olhos de toda a gente a immoralidade de um regimen ao pé da moralidade do outro. Em primeiro lugar porque, como o *Commercio de Portugal* imparcialmente escreveu, se em França como entre nós ha homens publicos pouco honestos, os francezes ao menos não comprometteram os interesses do thesouro. Em segundo lugar, porque em França procede-se immediatamente contra os que delinquiram. Em Portugal, permanecem nos seus cargos e honras os maiores ladrões.

Está boa esta! Em França, de todas as vezes que teem vindo a publico factos escandalosos como os de Caffarel-Wilson, nem uma só os protagonistas teem deixado de ser submettidos á acção dos tribunaes. Em Portugal, os ladrões confessos e provados são ministros, são generaes, são governadores civis e até são reis!

Está boa esta. A questão não é de ladrões. Descubram lá os srs. realistas o paraizo da terra onde não haja ladrões! A questão é de castigo. O bom nome portuguez não ficaria deshonrado com os ministros ladrões e altos funcionarios publicos sempre que elles fossem castigados assim que apparecessem. Da mesma forma a honra da republica franceza nada tem a soffrer com bonapartistas ladrões, ou republicanos que sejam. Se os põe fóra do exercito, se os mette na cadeia! Que mais querem?

No tempo do imperio sim. Os

ladrões e assassinos eram crenças sagradas. Hoje, a independencia republicana vae tão longe que não duvida sacrificar ao decoro nacional o proprio presidente da republica, não porque este não seja um homem honestissimo, mas porque se sinta melindrado com as pantomiças do genero.

Que mais querem? A republica protegeu o Caffarel e o conde d'Andlau? A republica procura furtar o sr. Wilson á acção dos tribunaes? Não. Então, só um parvo que não repare na conclusão logica dos seus argumentos infelizes será capaz d'equiparar a moralidade portugueza da monarchia do sr. D. Luiz de Bragança á moralidade franceza da 3.ª republica.

— Chegou a Lisboa sua magestade el-rei da republica D. Jacintho I. Teve uma ovação á chegada. Diz-se que sua magestade conferenciou logo no dia seguinte com o sr. Barjona de Freitas. E accrescenta-se que a conferencia correu desanimada e fria, porque D. Jacintho não tem confiança nos subditos e sem subditos o Barjona não quer D. Jacintho. D. Jacintho anda pois cabisbaixo e mono.

Y.

CARTA DA BAIRRADA

Novembro, 13

O fallecimento inesperado da senhora marquez de Graciosa, victima d'uma dysipela que a próstrou em poucos dias de soffrimento, quando, cheia de robustez, parecia na melhor disposição physica para velar junto de seu marido, gravemente enfermo ha mezes, é o facto que mais impressionou esta semana as familias da Bairrada, que tinham pela illustre extincta a mais acrisolada dedicacão, correspondida pela mais leal estima.

Ligada ao marquez de Graciosa, um velho typo de fidalgo, que á illustração, alliou sempre o mais affavel dos tractos, conhecida entre o povo da Bairrada pela sua singular bonhomia, apresentava, na familia, um edificante papel de esposa dedicadissima, de mãe amavel e de dona de casa inexcusable, tanto nos misteres domesticos, como nos labores da agricultura.

Egual sempre no tracto, benevola, carinhosa para com toda a gente, inimiga de grandezas e de pompas, era estremezidade dos seus e dos estranhos. Notavelmente collocada, dispozo de factos meos, comprazia-se em fazer aos outros todo o bem que podia, sem ter nunca um desvanecimento de ostentação ou de vaidade para consigo, sem querer dar navista senão por uma excessiva modestia no viver e no trajar, e pela pratica das mais acrisoladas virtudes domesticas e sociaes. Toda a Bairrada sabe que na casa da Graciosa foi sempre acolhido tão affavelmente o chefe do Estado e os seus ministros, como o mais humilde aldeão que necessitasse um serviço, ou um soccorro d'aquella bondosa familia. Respirou-se sempre um ar democratico n'aquella casa, onde havia phrases amoveis para todos e havia factos de comprovadissima dedicacão para que recorressem ao vaimento da familia da Graciosa, ou houvessem de aquilatar, por provas eloquentes, os rasgos da sua benevolencia.

Pelo que nos diz respeito, não esqueceremos nunca que o desolado viuvo da sr.ª marquez de Graciosa, esse notavel typo do homem prestadio e bom, separado inesperadamente da companhia querida de tantos annos de ventura, immerso n'um soffrimento penoso e lento, restando-lhe apenas nas suas largas noites de insomnia e na sua triste vivez de hoje, o inalteravel affecto dos filhos idolatrados e

a meiga ternura das netas estre-meçadas; não esqueceremos nunca que o Marquez da Graciosa já representou junto da cova rasa de nosso pae o papel da maxima tolerancia e da mais acrisolada dedicacao.

Vimolo, vae para doze annos, incorporado, tomando o primeiro logar no primeiro enterro civil que se fez em Portugal, e esse inolvidavel facto creou no nosso espirito tão fundas raizes de gratidão, quanto é hoje penoso o nosso dever de jornalista, levando ao coração do inconsolavel viuvo, nosso velho amigo, a homenagem cordeal do nosso sentimento pela perda da esposa idolatrada.

NOTICIARIO

O Povo de Aveiro vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

CORRESPONDENCIA

Com o ultimo numero terminou o segundo semestre do corrente anno. Vamos, pois, proceder a cobrança das assignaturas, ficando d'isto avisados os nossos assignantes, na certeza de que satisfarão os recibos logo que elles lhe sejam apresentados.

Neste lugar iremos indicando as localidades para onde faremos a expedicao, a fim de que os interessados estejam antecipadamente prevenidos e os srs. do correio não devolvam os recibos sem os apresentar ás pessoas a quem elles dizem respeito, como por vezes nos tem succedido.

Esta semana enviamos recibos para as seguintes localidades:

Agueda, Algarve, Alcobaca, Almeirim, Arouca, Beja, Barrancos, Belem e Braga.

Por absoluta falta d'espaco retiramos alguns artigos que temos em nosso poder. Irão no proximo numero.

Continua ainda de cama o nosso presado amigo o sr. Fernando Christo. N'estes ultimos dias, porém, tem sentido algumas melhoras, o que sinceramente estimamos.

A phylarmonica Aveiroense realizou ante-hontem, na egreja da Apresentação, uma homenagem fúnebre á memoria do nosso saudoso amigo Antonio Augusto Mourão, que foi um grande entusiasta pelo engrandecimento da mesma musica.

Depois de finda a cerimonia, os membros d'aquella phylarmonica juntamente com os bombeiros voluntarios, foram incorporados ao cemiterio de por duas carções sobre a sepultura do finado moço.

A corça da phylarmonica Aveiroense era de violetas e martyrios e a dos bombeiros de perpetuos. De cada uma d'ellas, que continham dedicatorias, pendiam laços de seda preta.

A beira da campã que encerra o cadaver de Antonio Mourão, pronunciou um pequeno discar-

so, exaltando com sentidas palavras as excellentes qualidades do finado, o nosso amigo sr. Renato Franco.

Foi, pois, imponente a homenagem de saudade prestada á memoria d'aquelle que a morte tão cedo arrebatou do seio da familia e do convivio dos amigos que muito o estimavam.

A maior parte dos operarios que trabalhavam nas obras do quartel de Sá foram despedidos nas ultimas semanas, sendo por isso limitadissimo o pessoal alli empregado actualmente. Apenas se conservam alli alguns artistas, que estão a concluir os trabalhos que haviam tomado de empreitada.

Qual será o motivo de tudo isto? A falta de dinheiro? E' possivel que seja, porque, segundo informa pessoa competente a um collega da localidade, sóbe já a perto de 70 contos de réis o dinheiro absorvido pelas obras do quartel e que será necessario ainda outro tanto proximoamente para a sua conclusão, segundo o projecto adoptado e posto em execução.

Isto é espantoso, demais a mais sabendo-se que o orçamento primitivo das obras parece que era apenas de 60 contos de réis.

Os trabalhos do quartel são agora dirigidos pelo engenheiro militar sr. Cerveira, que desempenha alli o cargo de fiscal do governo visto o sr. Araujo e Silva ter a'andonado definitivamente a sua direcção.

Nós vamos simplesmente registrar tudo isto, até vêr em que parça as modas.

Entre no 8.º anno de publicação o nosso collega O Jornal do Povo, de Oliveira de Azemeis. Cumprimentamol-o.

Procedeu-se na terça-feira, no edificio da camara municipal, ao sorteio dos mancebos recenseados no corrente anno para o serviço do exercito e armada e bem assim á proclamação dos recrutas effectivos dos respectivos contingentes parochiaes.

Hoje deverão ser affixadas ás portas das egrejas as listas dos mesmos contingentes, devendo os mancebos comprehendidos n'ellas apresentar-se dentro de cinco dias na secretaria da camara a sollicitar guia para a inspecção que se effectuará nos dias 5 e seguintes do proximo mez de dezembro.

Exulte o contribuinte porque d'esta feita vae ficar sem o resto da pelle.

Segundo temos n'um jornal, o governo levará ás côrtes, na proxima sessão parlamentar, uma proposta para ser concedida uma dotação de cinco contos de réis por anno ao principe da Beira.

Magnifico! Emquanto um desgraçado mata o corpo com trabalho durante um dia inteiro para ganhar uns miseros vintens, vae dotar-se com um dinheirão por anno quem ainda não completou doze mezas de idade, simplesmente porque teve a sorte de nascer em berço dourado!

Mas já agora venha de lá mais isso. Não vale a pena estar com ceremonias. E' mais conto menos conto.

Na segunda-feira de manhã marchou para Vizeu um destacamento de 40 praças de cavallaria 10, sob o commando do sr. capitão Lobo. O que alli estava, e que era commandado pelo sr. capitão Ribeiro, deve chegar amanhã a esta cidade.

Principiaram na penultima semana as obras para o terraplenamento do caes do Cójo, que deverá fazer parte do novo mercado projectado pela camara, achando-se já collocada quasi to-

da a estacaria para o serviço de vedação das aguas.

Estas obras são feitas pela repartição hydraulica, sendo os respectivos trabalhos dirigidos pelo engenheiro d'esta secção, o sr. Figueiredo.

O facto deu-se ás 6 horas da tarde de quarta-feira ultima, na rua do Espirito Santo.

Um pobre rapaz que por alli seguia pacificamente, foi assaltado á traição por tres individuos, os quaes lhe vibraram duas facadas, uma nas costas ao de leve e outra de certa gravidade junto a uma orelha, deixando-o banhado em sangue e fugindo em seguida. Um acto de malvadez e cobardia que a justiça não deve deixar ficar impune.

Apesar do facto se dar áquella hora e dos gritos soltados pela victima, a policia só appareceu mais tarde, isto é, quando os heroes já iam longe.

Mas isto já nem é caso para admirar, visto que a policia brilha sempre pela sua ausencia. E faz muito bem. Livra-se assim de incommodos.

Uma policia á altura... Trate, portanto, cada um de andar prevenido para qualquer assalto traiçoeiro como o que vimos de noticiar. Da policia, como se vê, não espere auxilio nenhum.

Mais uma victima do alferes Marinho da Cruz.

Dizem do Funchal que fallecera alli no dia 19 do mez passado, victima de uma tuberculose originada pelos desgostos, uma menina chamada D. Elisa Christina da Paixão Rebello, noiva do cabo Pereira, assassinado pelo alferes Marinho da Cruz.

O cabo Pereira devia unir-se a D. Elisa Christina logo que terminasse o curso.

São já tres as victimas: o pobre rapaz, o pae, e agora a namorada.

E, comtudo, aquelle malvado ainda não recebeu o justo castigo da sua obra, graças a um tribunal falto de brio que o absolveu!

Pelo ministerio das obras publicas foi requerida a concessão para se construir um caminho de ferro de via reduzida, que, partindo da estação de Ovar ou Estarreja, siga até Oliveira de Azemeis, pondo assim esta villa em communicacão com o caminho de ferro do norte.

Vae ser vendida em leilão a livraria classica particular do fallecido sr. A. R. da Cruz Coutinho, do Porto. Recebemos o catalogo da primeira parte, que abrange 446 numeros com 8:000 volumes in-4.º, 8.º e 12.º

O leilão d'esta importante livraria, que encerra verdadeiras raridades, deverá effectuar-se nos dias 15 e seguintes do proximo mez de dezembro.

Como se vê do annuncio que vae no lugar competente, a livraria Cruz Coutinho remette pelo correio o catalogo a todas as pessoas que o requisitarem.

Falleceu na quinta-feira o sr. Joaquim José Pereira de Souza e Sá, que ha muitos annos residia n'esta cidade. Era um homem sério, succumbindo na avançada idade de 83 annos.

Recebemos e agradeceremos o almanach intitulado A Victoria da Republica, para 1888. O seu preço é de 100 réis.

O sr. conde de S. Bento, sabendo que é grande a miseria no concelho de Santo Thyrsó e da dificuldade com que muitas familias lutam para debellar as enfermidades que tem prostrado muitos dos seus membros, participou n'uma pharmacia d'aquella villa, que pagaria todas as

receitas alli aviadas e que tivessem a nota de pobre.

Este procedimento é digno de todo o louvor.

Praticou-se ha dias um grande roubo no cofre municipal da villa da Meda, levando o ladrão ou ladrões cerca de 2:000\$000 réis, em metal, que no mesmo se achavam depositados.

O cofre, collocado na secretaria do municipio, foi arrombado, e os livros e documentos de receita e despeza lançados a um poço de uma casa vizinha.

O hygienista italiano Corradi é de opinião que, para se viver muito, é necessario diminuir a intensidade da vida, para angmentar a sua duracão. Evitar as commoções e grandes fadigas, os cuidados que impressionem e concentrem a attenção e fugir das agitações da politica e das profissões que exijam grande trabalho mental. Mais preciso ainda do que tudo isto é viver n'um paiz salubre.

Entre as grandes cidades da Europa a mais saudavel parece ser Genova, onde a mortalidade é de 17 por 1:000; Edimburgo, de 18; Pariz, de 21; Londres, de 20; Berlim, de 35; S. Petersburgo, de 47, e ainda maior nas outras capitães.

A vida no campo é muito mais conveniente.

O movimento das camadas atmosfericas, a intensidade dos phenomenos electricos e luminosos, a influencia da vegetação que oxigena o ar, exercem uma acção vivificadora, destruindo a parte viciada dos tecidos e auxiliando poderosamente a sua renovação.

Conta um jornal de Lisboa que vae abjurar da religião catholica um sacerdote muito considerado no paço cardinalicio. O patriarcha envida esforços para impedir que isto aconteça.

Foi determinado que, pela direcção geral de agricultura, se expõem ordens aos inspectores de agricultura e aos agronomos chefes das diversas regiões agromomicas, a fim de estudarem o mal, que actualmente está affectando as oliveiras.

Pelo ministerio da guerra foi indeferido o requerimento em que o alferes alumno Marinho da Cruz, representado pelo sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, sollicitou a demissão, em vista das declarações feitas na camara dos dignos pares do reino, e do procedimento com elle havido pelas justicas militares.

Data de 1814 a invenção da locomotiva por George Stephenson.

Stephenson não era um engenheiro, mas simplesmente um mineiro como seu pae, e principiou por ser pastor de gado na sua pequena aldeia de Wylam, proximo de Newcastle, onde nasceu em 9 de julho de 1781.

As grandes difficuldades que Stephenson encontrou para o cabal desempenho da sua invenção, só lhe permittiram pô-la em pratica em 1830, quando se abriu a primeira linha ferrea entre Liverpool e Manchester.

No invento que mais tarde se tornou universal, foi Stephenson coadjuvado por seu filho Ricardo, e ambos conseguiram apresentar a machina Rocket que foi como que a mãe das locomotivas de hoje.

George Stephenson morreu em Chesterfield a 12 de maio de 1848, deixando avultada fortuna ganha pelo seu assombroso invento.

O arcebispo do Algarve não permittiu que os padres do Varatojo vão missionar n'aquella diocese.

Andou bem.

Vão formar um centro militar os officias da guarnição de Loanda.

Um jornal scientifico francez diz que a dynamite póde representar um grande papel, como auxiliar, nas construcções.

O sr. Bonfont, capitão de engenharia, pensou em utilizar a força de expansão da dynamite para seccar instantaneamente as infiltrações do sólo sobre o qual se quer assentar quaesquer alicerces.

Eis como se opera: com o auxilio de uma broca faz-se um buraco no terreno inundado de tres ou quatro metros de profundidade e quatro centimetros de diametro; em seguida faz-se explodir um rosario de cartuchos de dynamite.

A agua de infiltração é immediatamente repellida pela explosão a 1.º, 10 pouco, mais ou menos, e não volta a ressumar senão ao fim da meia hora, o tempo sufficiente para permittir que os operarios lancem beton na cavidade e obstem assim a que a agua reapareça.

Em uma casa do Barredo morreu horrivelmente queimada uma creancinha de 17 mezes, devido ao pouco cuidado dos paes.

A mãe havia cosido uma porção de castanhas e despejou a agua, ainda a ferver, em uma bacia pousada no chão, retirando-se em seguida para um outro aposento da casa. Volvidos poucos minutos, attrahida por gritos afflictivos, correu para a cosinha e foi encontrar o innocentinho debatendo-se dentro da bacia.

Pouco depois a infeliz morreu.

Na conformidade do disposto no regulamento de 17 de março ultimo, inserto no Diario do Governo n.º 69, de 29 do mesmo mez, acha-se aberto o concurso por espaço de trinta dias, que terão principio no dia immediato á publicação do respectivo edital na folha official do governo, para o provimento dos logares de arbitadores nas comarcas do districto da Relação, devendo os concorrentes aos referidos logares apresentar na secretaria da presidencia da mesma Relação, dentro d'aquelle praso, os seus requerimentos, escriptos e assignados pelos proprios, quando saibam ou possam fazel-o, reconhecidas a letra e a assignatura por tabellião, ou por outra pessoa, a rogo, quando não saibam ou possam escrever, fazendo-os instruir com os documentos a que se refere o citado regulamento.

VENDA DE TERRENO

VENDE-SE a parte do terreno expropriado que pertenceu ao Hotel Cysne do Vouga, na rua da Alfandega.

Quem o pretender póde dirigir-se a esta redacção, onde se darão esclarecimentos.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, tres bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

BIBLIOGRAPHIA

As doidas em Pariz. — A empreza editora Belem & C.º vae emprehender a publicação de uma segunda edição das Doidas em Pariz, um dos romances mais notaveis e mais lisongeiramente apreciados de Xavier de Montepin.

Recebemos a caderneta n.º 4.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM
— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Agencia Economica, Maritima e Commercial

Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, faz e m-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionais e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattsimos.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito-agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas do leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitais. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

PUBLICAÇÕES

Edição monumental

HISTORIA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 18 fasciuclos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciuclos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de **CLAVEL & C.ª**

EDITORES

Porto — 112, Rua de Almada, 123 — Porto

CANILLO CASTELLO BRANCO

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS
3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO. Preço. 240 réis

NOVA LEI

RECRUTAMENTO

Approvada por carta de lei de 12 de setembro de 1887

Precedida do importantissimo parecer da camara dos srs. deputados

Preço, 60 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

PUBLICAÇÕES

A 1.ª PARTE DO CATALOGO

DA

LIVRARIA CLASSICA

do fallecido A. R. da Cruz Coutinho

que será vendida em leilão nos dias 15 e seguintes do proximo mez de dezembro, será remetida pelo correio a quem a pedir á

Livraria Cruz Coutinho

18, Rua dos Caldeireiros, 20 PORTO

EDITORES — BELEM & C.ª

26, Rua do Marechal Saldanha (Cruz de Pau), 26—Lisboa

AS

DOIDAS EM PARIZ

UM DOS MELHORES ROMANCES DE

XAVIER DE MONTÉPIN

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana, 50 réis

ESPE notavel romance de Xavier de Montépin não é uma simples obra de phantasia; o seu entrecho é formado por factos, que a cada passo se estão dando na vida pratica, e denuncia muitos crimes que ficam impunes na maioria dos casos, e que são commettidos á sombra de certos privilegios conferidos pela posição social. Aponta com exemplos frisantes á vigilancia e vindicta da lei alguns abusos, que aliás, são frequentes nas diferentes posições sociaes, desvendando os mysteriosos horrores da corrupção, e procurando excitar a attenção d'aquelles que possam por qualquer forma concorrer para que fique frustrado o intuito de tão terpes como interesseiras machinações, tal foi o fim do auctor.

E' pois este um verdadeiro livro de combate, ao mesmo tempo que constitue uma leitura muito agradavel pela animação dos dialogos, pela exactidão das descrições e pelo interesse sempre crescente das suas peripecias.

Tendo-se esgotado a primeira edição d'este romance, a empresa, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album de Misso

Contendo as principaes vistas de Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Villa do Conde, Caldas de Vizella, Barcellos e Povoa de Varzim.

A empresa pede aos seus estimaveis assignantes toda a sua attenção para este valioso brinde, e promete continuar a offerecer-lhes em cada obra outros albums, proporcionando-lhes assim uma collecção equal e escrupulosamente disposta das vistas mais notaveis de Portugal. Os albums de Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.

GUIA

DO

NATURALISTA

COLLECCIONADOR, CONSERVADOR

E PREPARADOR

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A' livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approvada por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatório.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

A LIVRARIA CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

PUBLICAÇÕES ROMANTICAS

THEONILLO BRAGA—Historia das Ideias Republicanas em Portugal, desde 1640 até hoje, 600 rs. Solução Positiva da Politica Portuguesa, 3 vols., 620 rs. Curso de Historia da Litteratura Portuguesa, 13500 rs. M'agnas Seccões, poesia revolucionaria, 800, ca. L'ara Brinda 18000 rs.

TEIXEIRA BASTOS—Programma Federalista radical, 60 réis. A Marselhesa, texto, traducção, musica e retracto, 200 rs. Comte e o Positivismo, 50 rs. Catholicismo republicano para uso do povo, 120 rs. Vibrações do Seculo, por a revolucionaria, 600 rs.

GARRILHO VIDEIRA—A bordada de consciencia e o juramento do soldado, 120 rs. A Questão social, as Boas Rezas e o Congresso Republicano, 100 r. Almanach Republicano para 1886, 2.º anno, 120 réis.

PAULO ANGULO—Os assassinos de Prim e a politica em Hespanha, 300 rs.

BIBLIOTHECA DAS IDEIAS MODERNAS—Obras de Drapper, L. de Wurtz, Littré, Schmidt, Sylos, Scheschart, etc, 1.ª serie cart. 700 rs., os 40 vols. em br. 500 rs., cada um 50 rs.

Muitas obras de propaganda scientifica e republicana, allegorias da republica e retractos dos grandes homens. Envia-se os catalogos a quem enviar a importancia do porte á Livraria Videira, rua do Arsenal, n.º 96, livraria Lisboa.

A EDIÇÃO MAIS COMPLETA E MAIS ECONOMICA

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por decreto de 11 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatório e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmoCodigo, publicada até hoje, incluindo a lei das aposentações e reformas dos empregados civis, a reorganização do Tribunal de Contas, o bill de indemnidade, que altera algumas disposições do mesmoCodigo, a nova lei do recrutamento, a tabella dos emolumentos administrativos e um copioso repertorio alphabetico.

Quarta edição

Preço brochado, 300 réis; em offernado, 400 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

A MARTYR

POR

EMILE RICHEBOURG

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

A sorte pela loteria — 100.000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo oportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (10 kilometros de distancia) e outro o traço de S. Pedro d'Alcantara, que abrangendo a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.ª—Lisboa.

NOITES ROMANTICAS

EMPRESA EDITORA

F. N. Collares.



80 réis cada fasciuclo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa. Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 19.

A Martyr.— Concluiu, com o fasciuclo 45, a publicação d'este interessante romance de Emile Richebourg, traduzido pelo sr. Julio de Magalhães e editado pela empresa dos Serões Romanticos.

A Illustração Portuguesa.— Recebemos o n.º 17 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Revista de Medicina Desimetrica.— Recebemos o numero 11 do 8.º anno.

Assigna-se na pharmacia J. B. Birra, Loyos, 36—Porto.

ANNUNCIOS

ANGELO DA ROSA LIMA
COM

OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS
Aveiro, Rua dos Mercadores, n.º 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de diferentes feltios, mezas de gostos differentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em differentes tamanhos, assim como galerias, opatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela Junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

E o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas ainda é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent "lunch" para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se equal porção ao "toast", para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.